

VESTIR-SE DE SI: SOBRE IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO NAS TIRAS DE MURIEL/LAERTE

DRESS UP YOURSELF: ABOUT IDENTITY AND REPRESENTATION IN MURIEL / LAERTES'S STRIPS

Rafaela Veloso¹

RESUMO: A questão da identidade está em voga – na teoria social, na prática política e, como não poderia deixar de ser, nos estudos em linguagem. De diversas maneiras e sob as mais variadas abordagens, ela tem sido problematizada. Neste texto, interessa-nos, especialmente, a relação entre identidade e representação e a sua formação como uma produção discursiva. A identidade diz respeito a um conjunto de características próprias pelas quais um sujeito é reconhecível e conhecido na sociedade, ao passo que o sujeito é construído pelos discursos que o constituem. Assim, sob o viés da Análise do Discurso e considerando a perspectiva dos Estudos Culturais, iremos observar o discurso sobre a identidade de gênero presente em algumas tiras da personagem Muriel da cartunista Laerte, que em 2009 adotou a prática do *crossdressing*. A escolha deste objeto de estudo foi motivada principalmente pelo aspecto atual da temática exposta nas tiras, por mobilizar vários discursos e por problematizar, através da arte e do humor, uma experiência marcante e controversa em nossa sociedade. O nosso objetivo é observar em que medida as suas tiras revelam uma necessidade de exposição, informação e afirmação a respeito de uma determinada prática identitária e, a partir disso, examinar as práticas discursivas que constituem – e contribuem para – essa identidade específica. Nós entendemos que a experiência pessoal de Laerte tem motivado o discurso veiculado em seus trabalhos recentes. Uma expressão e exposição da identidade que fala de/por si e de/para muitos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Identidade. Muriel

ABSTRACT: The question of identity is in trendy, in social theory, in the political practices, and for sure, in language studies. In many ways and under various approaches, it has been problematic. In this paper, we are especially interested in the relationship between identity and its representation as a discursive production. The identity refers to a set of own characteristics for those the subject is recognizable and known in society, while the subject is constructed by the speeches that forms itself. Thus, under the bias of Discourse Analysis and considering the perspective of Cultural Studies, we will observe the speech about the identity of genre in some strips of Muriel, a character created by Laertes, a cartoonist who in 2009 adopted the practice of crossdressing. The choice for this subject was mainly, motivated by the current thematic aspects exposed in the strips, for mobilizing various discourses and discuss, through art and humor, a remarkable and controversial experience in our society. Our

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Dermeval da Hora. E-mail: rafaela_ufpb@hotmail.com

goal is to observe in which ways their strips reveal a need for exposure, information and affirmation about a certain identity practice, and from that, examine the discursive practices that constitute - and also contribute - to an specific identity. We understand that Laertes' personal experience has motivated the discourse conveyed in his recent work. An expression and exposure about his identity that tells from himself and also to himself and from many people to many others.

KEYWORDS: Discourse. Identity. Muriel

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além

(Paulo Leminski)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS²

A língua(gem) humana é algo tão natural ao indivíduo que muitas pessoas não se dão conta de sua complexidade. Comumente os falantes se veem envolvidos em situações de uso da língua sem, no entanto, perceberem o seu funcionamento e entenderem o que a fundamenta.

Falar em linguagem é falar de discurso. De uma forma geral, podemos dizer que quando uma pessoa produz linguagem, ela está produzindo discursos, uma vez que o discurso pode ser visto como a linguagem posta em ação, uma prática de linguagem, a linguagem fazendo sentido (ORLANDI, 2009).

Os interlocutores – falantes, ouvintes, escritores, leitores – situam-se em uma dada época, em determinados espaços geográficos, pertencem a uma comunidade ou grupo específico e, dessa forma, há modos de se expressar, sotaques, crenças, valores culturais, sociais e ideológicos condizentes com o contexto do qual fazem parte. Dessa maneira, o discurso vai além do estritamente linguístico, para abarcar todas essas características

² Este texto é fruto do trabalho final da disciplina *Tópicos em Análise do Discurso - Discurso, Mídia e Identidade*, ministrada pela professora Maria Regina Baracuhy Leite, do Proling-UFPB.

contextuais, sociais, políticas, históricas etc, que constituem os dizeres das pessoas. O discurso, então, não é a linguagem, mas é materializado nela.

O estudo da linguagem, sob a perspectiva discursiva, tem merecido diferentes abordagens teóricas ao longo do tempo, mas a que nos serve como fundamentação teórica para este trabalho é Análise de Discurso francesa (AD), fundada no final da década de sessenta do século anterior por Michel Pêcheux. Pelo seu caráter abrangente e interdisciplinar, a AD é adequada ao nosso propósito, pois ela dialoga com os Estudos Culturais concebendo a identidade como uma construção social e discursiva, situada historicamente.

O objeto de estudo deste trabalho reúne sete tiras dos personagens Hugo/Muriel, de Laerte, que abordam, direta ou indiretamente, a questão do gênero. As tiras, bem como algumas entrevistas dadas pela cartunista³, foram buscadas e selecionadas pela internet.

Esse assunto começou a ser explorado nas tiras de Laerte há aproximadamente seis anos, depois que ela se tornou adepta do *crossdressing* – prática que consiste em vestir-se com roupas ou usar objetos associados ao sexo oposto. Neste estudo, iremos analisar alguns enunciados que tratam desta temática, especialmente aqueles que revelam a experiência da personagem (e da cartunista) como um *crossdresser*, experiência resultante de um processo pessoal de desejo e transformação e uma forma de contestar o parâmetro do gênero e dos padrões sociais vigentes de uma forma geral.

Com relação à concepção de identidade que iremos considerar neste trabalho, os dizeres de Silva (2012, p. 96-97) nos servem como referência:

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Partindo dessa concepção, concebemos o gênero – e a sua afirmação enquanto uma das identidades que o sujeito pode assumir – longe de essencialismos biológicos que fundamentam algumas discussões sobre o tema e sem apego a normalizações pautadas em

³ Hoje, Laerte se identifica e se denomina no feminino, gênero pelo qual nos referiremos a ela ao longo do texto.

oposições binárias tradicionais do tipo ‘mulher-homem’ e ‘feminino-masculino’. A identidade de gênero será compreendida neste trabalho como uma construção social, histórica e cultural, construída no e pelo discurso.

Assim, nossa intenção é analisar o discurso que as tiras veiculam a respeito da representação da identidade de gênero, como também observar como Laerte se serve do seu trabalho, já consolidado, para lidar com essa experiência, pondo à vista uma temática em voga.

Para tratar dessas questões, traremos, a seguir, um resumo das questões teóricas que norteiam o nosso estudo, depois partiremos para a análise propriamente dita, para finalizarmos com alguns comentários pertinentes ao tema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste texto engloba a Análise de Discurso de base francesa, derivada dos estudos de Michel Pêcheux, e os Estudos Culturais e suas reflexões sobre a questão da identidade. Para tanto, iremos discorrer, sucintamente, sobre essas disciplinas e seus conceitos fundamentais, especialmente os que se relacionam ao nosso trabalho.

A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso nasceu na França, no final da década de 60 do século passado, pelos estudos de Michel Pêcheux. O quadro epistemológico da AD nasceu sob a égide de três campos do saber: o Estruturalismo Linguístico, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. Nesse entremeio, a disciplina definiu o *discurso* como objeto de estudo, pensado como sendo da ordem do linguístico, do inconsciente, do social e do histórico (BARACUHY, 2010).

Disso reflete a maneira como a língua é trabalhada nessa disciplina – como materialidade onde se veiculam os sentidos. Além de ser constitutivamente heterogênea, a língua na AD é vista como opaca, polissêmica, imprevisível, lugar da falta, de equívocos e ambiguidades, perpassada pela historicidade e marcada pela ideologia. Para a AD, o sentido da língua não pode ser apreendido na materialidade em si, mas na discursividade que nos revela os - efeitos de - sentidos.

Para compreendermos/analisarmos um discurso devemos considerar que ele se constitui para além do puramente linguístico, uma vez que está intrinsecamente vinculado às suas condições de produção. As condições de produção dizem respeito a uma conjuntura exterior ao ato de enunciação, isto é, todos os contextos sociais, históricos e ideológicos que intervêm na produção de um discurso e que são elementos constitutivos desse. Portanto, o sentido de um enunciado está vinculado ao contexto em que ele é produzido, pois os enunciados recebem seus sentidos na formação discursiva à qual pertencem.

As formações discursivas (FD's), por sua vez, referem-se a um grupo de enunciados que estão conjuntamente incluídos em um sistema de regras historicamente determinadas. Nisso decorre certa regularidade entre esses enunciados, no que diz respeito aos sentidos comuns compartilhados nesses discursos. Assim, a formação discursiva é geralmente definida como o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada dentro de uma conjuntura dada. Está, portanto, estreitamente relacionada às condições de produção (GREGOLIN 2007a).

Dessa maneira, um mesmo enunciado, por estar em formações discursivas diferentes, pode ter sentidos diferentes. A esse respeito nos diz Pêcheux (1990, p. 53):

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.

O sujeito do discurso não é um indivíduo, mas configura-se pelo papel social que ocupa. A posição-sujeito que ele representa é afetada pela formação discursiva em que ele se inscreve. O sujeito, em sua enunciação, é marcado interiormente (pelo inconsciente), e exteriormente (pela ideologia). A depender de qual FD o sujeito esteja inserido, ele assumirá uma função e, portanto, um dizer condizendo com a sua posição. É por todas essas questões que o sujeito na AD é tido como múltiplo, fragmentado e o seu dizer, opaco, com derivas de sentido.

O sujeito produz seu discurso levando em conta o de outras pessoas e em relação a outros já ditos. Neste sentido, a heterogeneidade é fato inerente à formação discursiva e está na base de todo e qualquer discurso. Surge, então, a noção de interdiscurso:

o lugar em que se constituem, para um sujeito que produz uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada, os objetos de que esse enunciador se apropria para fazer deles objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, por meio das quais o sujeito enunciador dará coerência a seu propósito no interior do intradiscorso, da sequência discursiva que ele enuncia (GREGOLIN, 2007a, p. 158).

Por conseguinte, o intradiscorso – que poderíamos caracterizar como a superfície discursiva, o fio do discurso, a materialidade – é sempre atravessado pelo interdiscorso – que se apresenta na forma de um conjunto de discursos provenientes de formações discursivas diversas, de tal modo que a análise de discurso precisa, necessariamente, fazer trabalhar a relação entre inter/intradiscorso. Se há uma determinação histórica na produção dos sentidos pela linguagem e se esta é a materialidade do discurso, analisar discursos requer que se articule desde a constituição dos sentidos (o interdiscorso, que é da ordem da história) à sua formulação (o intradiscorso, que é da ordem da língua). Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetórias históricas de sentidos materializados nas formas discursivas em geral (GREGOLIN, 2007a; 2007b).

O sentido de um discurso será sempre referido em relação a outros discursos (os já-ditos, inseridos em redes enunciativas), que se inscrevem numa espécie de memória do dizer, que abrange o universo do que é dito e define as práticas discursivas do sujeito. A memória discursiva atua, portanto, como uma condição necessária à compreensão dos sentidos dos enunciados linguísticos. Essa memória, por sua vez, vai legitimar, deslocar ou atualizar os sentidos sob o primado do acontecimento discursivo. Pêcheux (1990) diz que o discurso é um fato ligado, simultaneamente, à estrutura e ao acontecimento e o ato de significá-lo e/ou interpretá-lo torna-se uma atividade determinada pela materialidade da língua e da história.

É no/pelo discurso que se relacionam, se imbricam e convergem as questões da língua, do sujeito e da história. É papel do analista investigar todas essas questões que fazem um determinado discurso emergir, expondo a opacidade da língua ao olhar leitor, tendo em vista, sempre, que os gestos de interpretação representam, tão somente, *um* olhar possível sobre os sentidos do que é – ou não – dito. Afinal de contas, o que procuramos no e pelo discurso é entender e explicar o mundo que nos cerca (ORLANDI, 2009).

OS ESTUDOS CULTURAIS E A IDENTIDADE

O interesse pela questão das identidades está em voga nos dias de hoje e tem despertado os mais variados estudos nos campos das ciências sociais e humanas, os quais estão buscando a compreensão dos novos modos de organização das sociedades neste mundo globalizado.

As inúmeras mudanças advindas com o novo cenário deste mundo moderno suscitaram a existência de novos sujeitos, transformando e modificando suas identidades – sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais – e exigindo uma renovação e reformulação dos parâmetros de entendimento e teorização dessas questões.

Assistimos ao descentramento dos referenciais que antes uniam o indivíduo ao seu mundo social e cultural e, destarte, vemos um novo conceito de identidade ser construído. Os pilares unívocos que outrora norteavam os sujeitos estão sendo fragmentados, dando lugar a uma pluralização de identidades possíveis. Assim, o sujeito da pós-modernidade, como é classificado o sujeito do nosso tempo, vê-se inserido num processo de celebração *móvel* da identidade, a qual é formada e transformada em relação ao modo como ele é interpelado ou representado nos sistemas socioculturais em que está inserido (HALL, 2011).

As identidades não existem *a priori*, de forma aleatória ou espontânea, elas são o produto de atividades simbólicas construídas no âmbito das interações sociais por práticas discursivas específicas. É através da representação, permeada pelos sistemas simbólicos que a sustentam, que as identidades individuais e coletivas são instituídas. Tais símbolos (que podem ser um texto, uma imagem, um objeto, um gesto) produzem significados que se associam a uma dada identidade (WOODWARD, 2012).

Sobre identidade e representação, Woodward (2012, p.17-18) diz que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

A identidade é comumente pensada como algo que nos compõe e nos caracteriza. Essa composição e caracterização, entretanto, não é um dado natural ou autônomo, mas se constrói em função da diferença. A identidade, o que nos representa enquanto sujeitos, o que caracteriza “o que eu sou”, se configura pela distinção em relação ao outro, “ao que eu não

sou”. Desse modo, a diferença não é o oposto da identidade, mas é um elemento indispensável à sua constituição.

A construção da identidade e a marcação da diferença são, por conseguinte, fruto de criação linguística. A linguagem é o meio que utilizamos para produzir, manter e/ou questionar as identidades. Somente através de atos linguísticos, somos capazes de nomear aquilo que somos, aquilo que não somos ou o que queremos ser. É pelas práticas discursivas que nos situamos em relação a nós mesmos, aos outros e ao mundo em que vivemos (SILVA, 2012).

Além de se constituir pela diferença, a identidade, nos dias de hoje, é plural, uma vez que somos confrontados por uma imensa gama de identidades possíveis às quais podemos nos identificar. As pessoas hoje se definem por uma série de características e se constituem pelo “consumo de identidades”, em consonância com o modo de vida atual (BAUMAN, 2005).

É nesse cenário que seguiremos para a análise do nosso trabalho onde procuraremos compreender os significados produzidos pela representação da identidade exposta no discurso das tiras de Laerte.

O DISCURSO EM ANÁLISE: AS TIRAS DE MURIEL/HUGO DE LAERTE

Laerte Coutinho é uma cartunista de renome no Brasil. É considerada uma gênica do estilo pelo público e pelos críticos e artistas da área. Laerte tem 63 anos de idade e mais de 40 anos de carreira. Ela colaborou com suas tiras em grandes veículos de comunicação e tem vários personagens conhecidos: Piratas do Tietê, Overman, Gato e Gata, Hugo e seu (de Hugo e de Laerte) ‘alterego’ Muriel, a personagem que interessa à nossa análise.

Da obra de Laerte, selecionamos sete tiras da personagem Muriel/Hugo para a análise, publicadas entre 2009 e 2012. Nossa intenção é examinar como o discurso presente nessas tiras, cuja materialidade é composta pelas linguagens verbal e não verbal, revela determinadas práticas associadas à construção de identidades – nesse caso, a identidade de gênero – e como a autora faz para afirmá-las. Sendo assim, na função que ora assumimos, ao analisar esse discurso, procuraremos expor a opacidade do texto ao olhar leitor.

A primeira tira que analisamos foi publicada em 2009 e é uma das primeiras que mostram o personagem Hugo se travestindo. O próprio título da tira já remete a uma “iniciação”: *ouverture* quer dizer “abertura” em francês. O significado dessa palavra também

está associado ao universo dos espetáculos musicais e teatrais, cuja acepção refere-se a uma composição musical que se destina a criar ambiente para a obra que vai ser executada. Vamos à nossa obra:

Tira 1 - Ouverture



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

Na tira 1, o efeito de surpresa e humor reside na materialidade verbal que traz, em contraste com as imagens, o vocábulo “cara”, que é masculino, juntamente a outro que é notadamente associado ao universo gay, a expressão “se montar”, aliado, obviamente, a um homem vestido de mulher.

Ao trazer a relação contraditória entre o enunciado “*um cara*” e a imagem desse mesmo cara vestido de mulher, constrói-se o efeito humorístico dessa tira. Na equivocidade discursiva que opõe o verbal (o vocábulo *cara*) ao não verbal (um homem *vestido de mulher* – “*montado*”) há uma ruptura na significação. Contrasta-se aí a ideia tradicional que delimita que tipo de roupa é mais adequada ao sexo das pessoas, com a possibilidade de usar o que se deseja – afinal de contas “às vezes um cara *tem* que se montar *uê*”.

Woodward (2012) diz que existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa. A tira mostra através de alguns símbolos – a maquiagem, a depilação, a peruca, o vestido – práticas que, tradicionalmente, estão relacionadas ao universo feminino. Atualmente, porém, não é oportuno lidar com as representações da identidade de maneira conservadora e concernente aos valores tradicionais: a sociedade pós-moderna assiste à emergência de novos e variados modos de manifestar-se.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2011, p.13).

Sendo assim, é possível reassociar essas práticas, antes tipicamente femininas, a um universo de pessoas que desejam, simplesmente, vestir-se e/ou portar-se como uma mulher (é o caso de Laerte, é o caso de Muriel). A ideia do feminino, aliás, é uma concepção amplamente discutida e problematizada nesses tempos de pós-modernidade. Há, entre tantas outras lutas, contestação e reivindicação por parte dos sujeitos que se identificam com essa prática – os homens que, por qualquer motivo, usam roupas femininas – e são produzidos muitos discursos a esse respeito (nosso objeto de estudo é um desses).

Com relação ao sentido e sua aparente transparência, evidenciamos que não há literalidade na língua: mesmo o mais simples e ingênuo enunciado é perpassado pelas posições ideológicas que compõem o processo sócio-histórico de realização das palavras (FERREIRA, 2000).

Tira 2 - Familiar



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

A graça desta tira vem justamente da ambiguidade de sentido da expressão “*não pode entrar nestes trajes*” e como ela foi utilizada pelo cartunista: nestes trajes - um homem vestido de mulher - ou nestes trajes - uma roupa informal ou vulgar demais para o ambiente? Muriel usa de uma ironia coerente (ou uma coerência irônica) para poder entrar no restaurante, pois o funcionário do lugar não especifica o que (não) seria adequado nos seus ‘trajes’. A ambiguidade do enunciado permite que Muriel troque a sua roupa por um vestido formal, elegante, e emudeça o funcionário com a sua atitude, afinal a sua fala permitia mais de uma interpretação. Por outro lado, a atitude de Muriel pode ter sido um ato intencional de brincar com o sentido do que foi dito e contestar certa imposição social, de impor um modo ‘adequado’ de as pessoas se vestirem e se portarem.

Nas relações de poder⁴ a que estão vinculadas as representações de identidade, observamos que o corpo é um dos locais que serve de base para a definição de uma identidade (como as identidades de gênero e sexuais, por exemplo) e é um elemento que é reivindicado quando procuramos estabelecer as fronteiras demarcatórias e definidoras do sujeito que somos ou não somos/queremos ou não ser.

Na tira, quando surgiu uma tensão entre as expectativas sociais, que impõem normas baseadas nos sistemas dominantes de representação da identidade (não é adequado/aceitável um homem se vestir de mulher ou é proibido um *crossdresser* frequentar um restaurante familiar), ela foi resolvida pela graça e através da ironia posta na atitude da personagem, que, astuciosamente, subverteu a expectativa do atendente (que cumpria ‘normas’) e fez uma velada crítica social ao que se julga coerente na representação de uma identidade.

É do jogo que se faz com a língua e as imagens – a ambiguidade, o equívoco, a surpresa – que o autor produz as derivas de sentido e desperta o humor nessas tiras. Contudo, para compreendermos o humor que advém de um deslizamento de sentido é preciso recuperar a memória em cada elemento que se inscreve discursivamente no enunciado (seja ele verbal ou não verbal). Visto que, se excluirmos a história da interpretação dessas tiras (e dos discursos em geral), as imagens não farão sentido. Desse modo, imagem, memória, discurso e história estão indissociavelmente imbricados na produção dos sentidos pela linguagem.

Vemos que o caráter híbrido perpassa desde a materialidade do seu discurso – imagem e texto – até a própria questão do gênero e os questionamentos trazidos nas tiras. E isso demonstra a própria configuração das manifestações socioculturais dos dias de hoje. Somos muitos e vários em nós mesmos. A multiplicidade de identidades é construída levando em conta a infinidade de práticas que desempenhamos e a variedade dos discursos disponíveis que atravessam nossas elaborações e compreensões dos dizeres.

Tira 3 – No metrô

⁴ As noções de relações de poder e formas de resistências, e as suas reflexões correspondentes, tais como a disciplinarização dos corpos e as microlutas que regulam a vida cotidiana, entre outras questões atribuídas ao trabalho de Michel Foucault, nos chegam, principalmente, via Gregolin (2004; 2007a; 2007b; 2008a; 2008b) e Hall (2011; 2012).



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

A imagem que se faz de um homem que se veste de mulher está intimamente ligada à ideia de homossexualidade⁵. Esse sentido é facilmente evocado por uma memória arraigada em nossa cultura. No entanto, o que os praticantes do *crossdressing* procuram enfatizar é justamente a diferenciação entre identidade de gênero e orientação sexual – um *crossdresser* pode ser heterossexual, homossexual, bissexual etc – pois o gênero está relacionado ao fato de um sujeito identificar-se com o feminino ou o masculino e a orientação sexual diz respeito ao direcionamento do desejo sexual.

Laerte toca nesse ponto trazendo explicitamente um questionamento acerca da confusão entre identidade de gênero e orientação sexual. A tira adquire, no segundo quadrinho, um papel quase didático, quando a personagem explica as diferenças entre essas duas questões, mas não foge ao humor característico desse gênero textual, quando desloca o sentido que o interlocutor começa a construir, baseado em uma memória acostuada a ver preconceito contra homossexuais, para acabar numa cantada à personagem Muriel. A surpresa do interlocutor é dada a partir da conjunção imagem-texto, uma vez que a própria personagem se surpreende com o dizer do último balão.

A imagem, nos dias de hoje, se impõe com uma força notável e, por isso, é interessante refletirmos sobre o seu papel enquanto operadora de memória social e coletiva, sobretudo, pensando como os textos sincréticos operam essa memória para nos fornecer novos sentidos a cada nova emergência de uma imagem.

Segundo Gregolin (2011, p. 90) “a releitura transforma o cânone, mas ao mesmo tempo o atualiza em sua historicidade, em sua remanência na memória longa de nossa sociedade”. Isso nos remete à ideia de acontecimento discursivo, que atualiza, a partir de agenciamentos, os sentidos na história. É o que acontece na produção de sentidos das tiras que ora analisamos: sob o primado do acontecimento discursivo, uma determinada memória é

⁵ Como não há nenhuma referência ao período carnavalesco, excluímos a possibilidade de ser uma fantasia, uma interpretação possível para o ato de travestir-se.

recuperada, relida e reformulada em seus sentidos tradicionais. O acontecimento atualiza os sentidos na história.

Na tira que segue a cartunista vai abordar questões de aceitação/negação de uma dada identidade, e fazer notar a questão do preconceito:

Tira 4 - Aceitação



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

Muriel é a versão *crossdresser* de Hugo, ou seja, é a identidade assumida quando ele está vestido com roupas femininas. Se observarmos as tiras publicadas desse(s) personagem(s), veremos que há uma reivindicação recorrente no que concerne a políticas de aceitação dessas identidades minoritárias. Em consonância com os novos movimentos sociais, Laerte – enquanto criadora das tiras e também praticante do *crossdressing* – assume uma prática de luta e conscientização pelos direitos desses sujeitos.

Nessa tira 4, especificamente, temos uma cena disposta em dois polos antagônicos: um de aceitação e outro de repúdio à prática de Hugo/Muriel. A composição da tira torna-se mais interessante porque coloca os mesmos sujeitos com discursos que se opõem. A harmonia da história (expressa no primeiro quadro) e a satisfação de Muriel (“*Nada como finalmente ser aceita...*” – segundo quadro) são perturbadas por uma agressão (física e verbal) que aparece no terceiro quadro: “*Bichona!!*” – uma expressão que é amplamente utilizada ao longo da história para estigmatizar e ofender os homossexuais do sexo masculino.

Essa atitude desloca a posição dos sujeitos do primeiro quadro, antes complacentes e respeitosos, para colocá-los com atitudes de censura e condenação para a mesmíssima prática que fora antes aceita. Trata-se dos mesmos sujeitos inseridos em formações discursivas distintas, e, portanto, com atitudes e posições divergentes. O mais interessante é que o deslocamento de um discurso (de aprovação) a outro (de reprovação) é ativado, justamente,

pela ofensa de um desconhecido (pelo menos ele não aparece na tira) que parece ativar, automaticamente, uma memória contida de condenação ao diferente.

Essa tira faz, acima de tudo, refletir sobre esses dois pontos de vista. Daí um mérito que pode ser atribuído à cartunista Laerte, que tratou de uma questão aparentemente difícil pelo viés do humor, valendo-se de uma narrativa fictícia, para expor um tipo de identidade que ainda é pouco compreendida e, por vezes, estigmatizada.

Não podemos deixar de notar que, em geral, os discursos que se produzem acerca da questão sexual, principalmente o que se diz sobre os sujeitos e suas práticas, costumam gerar polêmica, debate e/ou preconceito, pois as práticas discursivas são, inevitavelmente, atravessadas pelas relações de poder vigentes. “A forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação” (Woodward, 2012, p. 33). Desse modo, o que se diz a esse respeito entra em embate com os discursos institucionalizados, outrora tratados como hegemônicos, e manifesta-se em opiniões diversas e divergentes.

Tira 5 - Pregações



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

Para interpretar um conjunto de enunciados como esse, devemos compreender que o processo discursivo nasce em outro lugar, da relação com outros discursos, e para entendê-los é preciso recuperar esses discursos. Os enunciados da tira 5 fazem menção direta ao discurso religioso e, com isso, retomam uma série de dizeres cristalizados na sociedade. O objetivo da

fala da personagem é trazer à tona, pela memória do dizer, discursos já feitos sobre outras minorias (judeus, mulheres e negros) que sofre(ra)m com o preconceito para, através de uma metáfora, fundamentar o seu dizer e despertar a reflexão dos leitores.

Em meio às políticas de afirmação das identidades ditas minoritárias⁶, há, historicamente, uma luta contra os ideais religiosos e o seu discurso, que constantemente se coloca como um discurso de autoridade a gerir o comportamento e o pensamento dos indivíduos. Quando se precisa recorrer a essencialismos conceituais sobre a identidade ou a fundamentalismos tradicionais que determinam uma espécie de normalização dos sujeitos sociais, o discurso religioso cumpre um papel decisivo. O que a personagem-sujeito faz nessa tira é recuperar esse mesmo discurso para questionar o seu sentido e contestá-lo, fazendo a sua própria “pregação”.

Ao articular os ditos sobre os homossexuais (“*o desejo homossexual é inspirado pelo demônio*”) aos já-ditos sobre os judeus (de que eles “*mataram o filho de Deus*”), as mulheres (que “*têm a culpa pela existência do pecado*”) e os negros (que “*estão destinados a ser escravos dos brancos*”), Laerte pretende com seu trabalho discursivo causar no leitor uma sensibilização para o que ele quer reivindicar, que é a afirmação e aceitação da identidade homossexual.

As práticas discursivas que permeiam a luta pela afirmação identitária de negros, mulheres e judeus, apesar de ainda ecoarem incessantes vozes de resistência, parecem gozar de um reconhecimento maior e mais estabelecido do que os discursos sobre a identidade dos LGBT’s⁷. Talvez por isso, o autor evoque esses grupos para legitimar (e por que não fazer solidarizar?) o seu discurso. Também, porque os enunciados escolhidos já foram derrocados em suas crenças e valores sociais, políticos e ideológicos (ao menos idealmente), o que serve para fundamentar positivamente a defesa da causa de Muriel (tanto é que o enunciado do último quadrinho dialoga diretamente com o interlocutor ao questioná-lo com uma pergunta: “*Ou estou enganada?*”). Há, nitidamente, a intenção de fazer com que o interlocutor assumira uma posição/faça uma reflexão.

⁶ Mesmo considerando que esta é uma questão em consenso, nunca é demais (re)lembrar que o termo ‘minorias’ não é usado para referir-se a uma quantidade numérica, mas tem uma atribuição valorativa relacionada à maneira como esses grupos (homossexuais, mulheres, gays, negros, judeus, entre outros) foram/são subjugados pela ótica dominante em relação ao gozo de seus direitos, sendo marginalizados e diminuídos em relação ao reconhecimento de suas identidades.

⁷ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

A AD diz que a leitura e a compreensão dos sentidos de um texto não nascem no momento de realização da materialidade discursiva, mas se efetivam sob a égide de uma intertextualidade, de uma interdiscursividade. Vejamos a tira seguinte:

Tira 6 - Crime



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

Só entendemos adequadamente a mensagem dessa tira se evocarmos o interdiscurso do qual esses enunciados emergem. Primeiro, a FD que determina os dizeres refere-se ao setor policial investigativo. Daí se desenvolve toda a construção simbólica do que se quer dizer: alguém/algo será examinado, está sob investigação. A personagem Muriel é a “agente do FBI”: vemos pela sua roupa que ela atua como um membro da famosa polícia do governo dos EUA, mundialmente conhecida pelo trabalho investigativo e de inteligência⁸.

O deslocamento do sentido começa a se construir no primeiro quadro, pois a agente Muriel está analisando o comportamento de alguém que, possivelmente, está cometendo um “crime” (como sugere o título da tira). O sujeito investigado aparece com dupla personalidade – ou identidade – “*Freeda Liberty* durante a noite, *na balada*” e “*Sr. Angelino Padrão*, para a *família, os amigos e colegas*”. Primeiramente, vemos que a materialidade verbal da tira joga com os dois nomes do sujeito investigado: *Freeda Liberty*, em uma clara analogia à autonomia na representação desta faceta identitária (em inglês, *free* significa livre/liberto e *liberty*, liberdade) e *Angelino Padrão*, o nome Angelino remete à palavra anjo/angelical, cujo sentido é de pureza e livre de mácula e Padrão relaciona-o a um *modelo*, algo que serve de base para imitação ou avaliação, uma espécie de personalidade exemplo a ser seguida.

Freeda Liberty está (tra)vestida com roupas femininas (vestido, botas de salto, brincos, peruca) e ao voltar da balada se enfia no *armário*; do *armário* sai o Sr. Angelino

⁸ FBI é a sigla para *Federal Bureau of Investigation*. Em português, Agência Federal de Investigação.

Padrão, em tradicionais vestes masculinas (calça, paletó e gravata). No desfecho da história, quando questionada sobre a existência de algum crime, a agente Muriel caracteriza o delito cometido pelo sujeito como “*cárcere privado*”, que no código penal brasileiro é posto no capítulo dos crimes contra a *liberdade individual*. Uma eficaz construção enunciativa que alude, explicitamente, à ideia de se estar “preso(a) no armário”, uma expressão atribuída às pessoas que não assumem as suas orientações e desejos sexuais e são, portanto, reprimidas. A liberdade de Freeda contrasta com a opressão que enquadra o Sr. Angelino.

No que concerne às discussões sobre identidade, Laerte faz referência às identidades múltiplas que um sujeito pode desempenhar no dia a dia, ao mesmo tempo faz um alerta/apelo para as pessoas assumirem sua verdadeira identidade e não ficarem ‘presas’ a algum padrão social (haja vista que o sujeito foi enquadrado em um crime). Isso porque as práticas culturais, permeadas pelas relações de poder, são capazes de incluir ou excluir ou moldar alguém em uma determinada categorização de identidade.

Assim, quando correlacionamos a temática proposta nas tiras com o modo como se organiza, social e politicamente, a nossa sociedade, é inegável que ainda vivemos uma realidade em que os poderes dominantes, e as práticas discursivas que os fundamentam, exploram diversas formas de retaliação e inibição da livre expressão dos sujeitos, ao mesmo tempo em que tentam mantê-los passivos ou subjugar-los. São práticas que, impressas sob o rótulo do ‘correto/normal/padrão’, anseiam o assujeitamento dos sujeitos às ideologias e aos discursos dominantes, reprimindo as formas diferentes de expressão e representação desses sujeitos. Entretanto, apesar do poder dessa dominação, o sujeito é capaz de exibir suas formas de resistência, as quais se expressam tanto no discurso materializado nas tiras, quanto no próprio ato de resistência da cartunista Laerte, que, motivada por uma experiência subjetiva, produz as tiras para problematizar uma realidade e afirmar uma identidade.

Ainda vivenciamos um modo de organização de sociedade que costuma impor identidades ao invés de permitir que as pessoas as escolham. Quando se trata daquelas que estão de acordo com os valores das instituições tradicionais não há embate, parece que a sua escolha é tão permitida quanto incentivada, ao contrário do que acontece com as identidades que vão de encontro à norma vigente, seus representantes, que sofrem com estereótipos e são humilhados, têm que, constantemente, reivindicar seu direito de exercê-las, lutando por elas e protegendo-as. A tira a seguir serve como exemplo:

Tira 7 - Sempre



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

Os novos movimentos sociais e a defesa das identidades das “minorias” tocam, justamente, nessas questões: o que é pessoal passa a ser, mais do que nunca, político. As identidades devem ser discutidas e reafirmadas para poderem ser exercidas.

A política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica. (WOODWARD, 2012, p. 34-35)

Quando Muriel dança em lugar público, a personagem festeja o seu modo de ser. Após ser repreendida por um sujeito, ela fala do seu orgulho (que é/deve ser permanente, haja vista o título da tira: “*Sempre*”). Há, ainda, um jogo com a língua: os vocábulos “*parada*” e “*orgulho*” são essenciais à compreensão da mensagem e só significam de forma coerente se o leitor entender que o implícito é a “*Parada do Orgulho LGBT*”, manifestação que proclama o orgulho pela orientação sexual e identidade de gênero de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

O orgulho de Muriel é uma oposição ao sentimento de vergonha que, ao longo da história, foi impingido à sexualidade das pessoas que divergiam da heterossexualidade normativa padrão. Quando avisada de que “a parada já acabou”, Muriel surpreende e repreende o interlocutor (o da tira e nós leitores) ressaltando que seu entusiasmo e luta vão além de um dia-símbolo, quando as pessoas vão à rua para demonstrar sua posição e defender a sua causa (“*mas o orgulho continua*”). Os dizeres da tira, enquanto prática discursiva, endossam uma prática política que afirma a identidade do indivíduo e da comunidade LGBT em geral, ratificando positivamente as diferenças, através do discurso do orgulho gay.

As tiras de Laerte sobre a personagem Muriel procuram proporcionar visibilidade a um público que se identifica com o contexto encenado ali. A veiculação dessas tiras na mídia joga luz nas discussões políticas atuais que procuram promover uma valorização que não esteja pautada apenas no combate aos preconceitos, mas na afirmação positiva de uma identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto procurou investigar, através da análise do discurso presente nas tiras selecionadas, como esse material enuncia as vicissitudes de um universo identitário específico, a dos homens que se identificam e se vestem de acordo com o universo feminino.

Procuramos compreender como a veiculação do discurso presente nas tiras dos personagens Muriel/Hugo, de Laerte, contribui para a produção e afirmação de uma dada identidade. Por meio das imagens e das falas dos personagens (interação entre o verbal e o não verbal) e da correlação entre o intradiscurso e o interdiscurso, buscamos apreender os possíveis sentidos construídos no discurso das tiras sobre a identidade de gênero e a representatividade desses sujeitos – representados pela personagem Muriel – na sociedade pós-moderna.

Observamos que a personagem Muriel se torna a “porta-voz” desses sujeitos e abre portas à compreensão dessa atividade, ao menos no que se diz respeito à prática em si. Mais ainda, pudemos entrever nas histórias mostradas nas tiras que o trabalho de Laerte vai além da simples exposição de uma prática, toca em questões sociais, culturais, políticas e ideológicas mais profundas, tais como a identidade de gênero, a orientação sexual, o preconceito e os direitos humanos. Ao articular e confrontar os enunciados expostos nas suas tiras com discursos amplamente legitimados de outras esferas da vida social (o jurídico, o religioso, o político etc.), a cartunista acaba por orientar simbolicamente a produção e reprodução de uma dada identidade.

O lugar de onde Laerte fala, colocando-a aqui como uma artista consagrada, permite que o seu discurso ganhe amplitude e, de certa maneira, funcione como uma representação de uma das identidades que o sujeito pode exercer neste mundo de identidades móveis,

flutuantes, instáveis, proporcionando-a “reconhecimento”, para usar os termos de Bauman (2005).

Suas tiras, inclusive, podem ser a materialização de uma voz de resistência daqueles sujeitos que têm alguma prática – ou identidade – relacionada a esse universo e que passam a se ver, de alguma maneira, expressados e expostos ali (e no mundo).

Por fim, entendendo que a AD nos fornece(u) subsídios para a reflexão e análise de questões como as tratadas no texto, motivando desde a escolha do objeto de estudo à capacidade de interpretação e leitura desse universo da linguagem, esperamos ter cumprido nosso objetivo e, acima de tudo, contribuído, mais com perguntas do que com respostas, com os estudos nessa disciplina, pois sabemos que as discussões trazidas aqui, além de representarem *um* olhar de interpretação dentre outros possíveis, demandam vastos questionamentos e aprofundamentos para a Análise do Discurso na atualidade.

REFERÊNCIAS

BARACUHY, Maria Regina. Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina. *Veredas* (Online), v. 14, p. 167-177, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000. p. 21-32; 105-118.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Semiologia: Enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 83-105

_____. No diagrama da AD brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In: Pedro Navarro. (Org.). *O discurso: nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008a. p. 23-36

_____. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 4, p. 23-36, 2008b.

_____. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João, 2007a. p. 155-168

_____. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4, p. 12-26, 2007b.

_____. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 153-188.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. *Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso*. In: Escritos 4. Campinas, SP: Labeurb/Nudecri, 1999a.

_____. Especificidade de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. *Legados de Michel Pêcheux: Inéditos em Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Sites visitados⁹:

<https://twitter.com/LaerteCoutinho1>

<http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

<http://igay.ig.com.br/2014-03-11/laerte-gostaria-de-nao-ter-renegado-minha-homossexualidade-por-40-anos.html>

<http://revistatrip.uol.com.br/transformadores/blogs/triptransformadores/2012/08/29/laerte-coutinho.html>

⁹ Optamos por separar os sites acessados das referências bibliográficas para facilitar ao leitor a visualização e consultas futuras e também porque o acesso a alguns desses sites foi recorrente ao longo da feitura do trabalho, e seria uma incoerência disponibilizá-lo com uma única data de acesso, como orienta a ABNT.

<http://revistatpm.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/laerte-coutinho.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/825136-cartunista-laerte-diz-que-sempre-teve-vontade-de-se-vestir-de-mulher.shtml>